

O CONFRONTO RACIAL NA PERSPECTIVA DE DANY LAFERRIÈRE: *Comment faire l'amour avec un Nègre sans se fatiguer* ENTRE O REAL E O SONHADO

Irene Corrêa dos Santos B. de Paula

O imaginário do negro americano é povoado por valores, crenças e ideologias da cultura européia. Dentro da lógica do processo colonial esta é uma consequência assaz coerente, embora problemática, visto que a cultura dominante jamais enxergou o negro, ou os povos autóctones, de uma perspectiva multifacetada, livre de preconceitos e idéias racistas. O Outro, o colonizado, jamais foi visto em sua diferença, mas em seu desfalque, em sua ausência de semelhança, logo, em sua falha. Esta falta original – a não semelhança – inaugurou um impasse identitário que parece estar longe de chegar ao fim. A questão seria menos relevante se estes estereótipos, falsas crenças e infinitas superficialidades racistas não tivessem sido absorvidas pelo próprio indivíduo assujeitado.

A fim de discutir o problema da assimilação, no plano simbólico (da fantasia), de ideologias racistas e estereótipos raciais (por parte tanto de brancos quanto de negros) e a questão da construção identitária do negro da diáspora em sua relação com o Outro, este trabalho pretende analisar o romance *Como fazer amor com um Negro sem se cansar* do escritor haitiano Dany Laferrière. Partimos do pressuposto que a literatura ficcional é um ponto de cruzamento entre mundo vivido (mundo real), mundo pensado (reflexão intelectual) e mundo sonhado e/ou fantasmado, sendo por consequência, produtora de visões originais e transgressoras do mundo real, assim como reveladora de um universo humano oculto. E é neste sentido que abordamos a escrita de Laferrière. O autor cruza, particularmente bem, em *Como fazer amor com um Negro sem se cansar*, elementos de realidade, fantasmas individuais e coletivos, reflexão crítica e ironia.

O filósofo africano Anthony Appiah em seu livro *A Casa de Meu Pai* e Frantz Fanon em *Pele negra, máscaras brancas* desenvolvem a idéia de que a própria categoria do negro foi

criada pelo branco (europeu e norte americano) a fim de melhor dominá-los. De acordo com Appiah, o conceito de negro, enquanto raça comum e a idéia de África que temos hoje – um continente, não apenas no sentido geográfico, mas uma unidade política, racial e cultural, a pátria dos negros – foram criados no século XIX a fim de legitimar as conquistas coloniais. E foram irônica e curiosamente estas concepções européias de raça e civilização, preconceituosas e desprovidas de qualquer fundamento lógico, que deram início aos discursos nacionalistas sobre a África e os negros – “dito de maneira simples, o curso do nacionalismo cultural na África tem consistido em tornar reais as identidades imaginárias a que a Europa submeteu os negros” (APPIAH, 1997:96), afirma Appiah.

Frantz Fanon no livro *Pele negra, máscaras brancas* propõe-se a fazer uma leitura psicanalítica do problema racial. De acordo com Elisabeth Roudinesco, Fanon, para construir sua teoria sobre a formação identitária do negro, tomou de empréstimo a teoria da “estádio do espelho” de Jacques Lacan, a fim de explicar que a identidade do negro da diáspora se constrói em função da relação especular com o Outro, o branco, e que é este olhar que produz a sua inferioridade. É, a princípio, neste Outro, supostamente mais adiantado e mais perfeito, que o sujeito se vê, se projeta; e a experiência narcísica com o semelhante, decorrente destas projeções, é fundamental para o desenvolvimento imaginário de ambas as partes. Segundo Lacan, “a relação intersubjetiva, na medida em que é marcada pelos efeitos da estágio do espelho, é uma relação imaginária, dual, votada à tensão agressiva em que o ego é constituído como um outro, e o outro como *alter ego*” (LAPLANCHE, 1992: 177). Por um lado, o negro se identifica com o branco, pela projeção especular em um ser pretensamente superior, por outro, tem como negada qualquer possibilidade de identificação com este último, se vendo diante de uma enxurrada de clichês que só fazem contribuir para a criação de uma representação estereotipada de si. Em síntese, a representação simbólica que o negro tem de si mesmo, ou seja, sua identidade, se constrói na

confluência da identificação frustrada com um Outro e do olhar, simplista e negativo, que este Outro lhe impõe. Acreditamos, neste sentido, que o esquema de interação interétnico resultante da ação colonial se constrói segundo o modelo Eu/Outro, em que o Outro se torna objeto de identificação especular e o Eu se encontra clivado, dilacerado. Laferrière desenvolve, em seu romance, a idéia de que o conceito de negro é construído nas tramas da rede sócio-cultural da história colonial (seu narrador afirma ironicamente que “no fundo o negro assim como o hambúrguer é uma construção puramente norte americana”), mas o faz sem jamais recorrer a qualquer tipo de militância panfletária a favor do negro ou contra o racismo. O autor nos mostra que o processo identitário que emerge deste confronto desigual é complexo, plural e não pode ser visto sob um único ângulo; ele se forma a partir de ideologias coletivas, fantasmas individuais produzindo sempre algo imprevisível. Tendo consciência da complexidade do tema nos ateremos nesta apresentação à abordagem do real e dos fantasmas na escrita de Laferrière.

Laferrière escreveu o que ele chama de sua “autobiografia americana”, composta por dez livros, entre os quais está *Como fazer amor com um Negro sem se cansar* que narra um pouco de seu percurso americano – sua infância e adolescência no Haiti, a experiência do exílio em função do regime ditatorial, o início da carreira no Quebec, suas impressões dos Estados Unidos, país onde mora atualmente, etc.. O romance narra um período da vida de dois jovens negros, muçulmanos, pobres, desempregados, imigrantes, que dividem um quarto e sala, em uma região popular de Montreal, e cujo país de origem não é revelado. A vida do narrador “Vieux” (ele não tem nome) é muito similar à etapa da vida de Laferrière antes do sucesso como escritor, inúmeras semelhanças podem ser percebidas: o autor também morou com um amigo em Montreal, no mesmo bairro que os personagens, onde escrevia seu primeiro romance, sobre fantasmas e sexualidade; “Vieux” também é escritor e escreve um romance que é uma *mise en abyme* do romance de Laferrière. Embora o livro contenha elementos autobiográficos, segundo o narrador,

trata-se de velhos fantasmas. Ambos os personagens incorporam o clássico estereótipo do negro extremamente sexual e ao contrário do que historicamente ocorria jamais são rejeitados, as mulheres se deixam facilmente seduzir e estão sempre prontas para servi-los, mas não estamos falando de qualquer tipo de mulher, trata-se das brancas, ricas, louras, inteligentes, belas, anglófonas e estudantes da conceituada universidade McGill, caso contrário o fantasma estaria incompleto. Enfim, o autor retoma o mito do negro extremamente sexual e da branca ideal de pureza, para aos poucos desconstruí-los, e o prazer clandestino no encontro destes dois mitos, seres irreais, construções puramente imaginárias. Os fantasmas sexuais no romance, mais do que desejos carnis, expressam desejos de ter o domínio, de se apropriar do Outro – do que ele representa. “Vieux” afirma desejar fazer amor com o inconsciente, com a identidade das jovens e pratica o que denomina ser o “sexo canibal”, pois o desejo de completude é antropofágico, incorporar e ser incorporado realiza o fantasma da fusão completa dos extremos opostos (o negro e a loura), ou seja, da unidade impossível. Os protagonistas são cultos e bem informados, o narrador é um leitor voraz dos cânones da literatura ocidental. A apropriação cultural proporciona um tipo de poder, de superação do sentimento de inferioridade dificilmente conquistado por outros meios – “quando eles acreditavam ter diante deles um pobre negrinho, eu começo a lhes falar de Nietzsche, de Goethe ou de Voltaire e eles ficam com os olhos arregalados” (LAFERRIÈRE, 2000: 85) diz o autor a respeito do efeito que o domínio da cultura ocidental causa aos olhos daqueles que ainda julgam pela aparência. Laferrière, apesar de fantasmear tais situações afirma em seu livro de entrevistas *Escrevo como vivo*, jamais haver encontrado naquele período jovens anglófonas ou estudantes da universidade McGill, muito menos ter lido todos os livros citados pelo narrador. O romance flutua entre a realidade e os fantasmas coletivos e individuais, produzindo assim uma autobiografia emocional.

O roteiro fantasmático que criam Laferrière e “Vieux” estão diretamente relacionados a toda problemática da construção de uma identidade negra, muitas das fantasias que os personagens revelam se constroem a partir de “fantasmas legitimados”; não se trata apenas de expor fantasias pessoais, mas de recriar um material fantasmático preexistente – de ordem coletiva. Os velhos estereótipos da mentalidade primitiva, do erotismo animal, do canibalismo, da selvageria, da ingenuidade negra, etc., verdadeiras “assombrações” coletivas, e os desejos de vingança e de dominação decorrentes estão todos lá e são reapropriados por Laferrière de maneira extremamente irônica, subtraindo a carga dramática. Através de um humor cáustico e um espírito provocador o autor desconstrói representações maniqueístas e deixa o leitor, confuso e sem certezas, se vendo, assim, impelido a olhar para o Outro e quem sabe rever suas velhas Verdades.

Segundo Freud, o fantasma se dá em termos de roteiro, é um “roteiro imaginário em que o sujeito está presente, e que figura de maneira mais ou menos deformada pelos processos defensivos, a realização de um desejo e, em última instância, de um desejo inconsciente”(KAUFMANN, 195). Ou seja, o sujeito cria uma lenda em torno de sua existência, construindo paralelamente à realidade um roteiro fantasmático, bem estruturado e com estreita relação com desejos arcaicos (da primeira infância) e presentes. Ambos os personagens de Laferrière vivem da fantasia, experimentam uma espécie de atemporalidade, um descompromisso com o real (estão, por exemplo, desempregados e parecem não se preocupar com isso) – situação bastante propícia para emergência de fantasmas. Flutuam entre a realidade e o sonho em busca da realização de seus desejos. Bouba dorme (e conseqüentemente sonha) durante maior parte do seu tempo, trabalhando assim em um plano inconsciente, onde uma certa plenitude é possível, ele acredita que o sono cura todas as impurezas. Sonho e realidade se confundem curiosamente no capítulo vinte e seis, o narrador tem um sonho em que se torna um escritor reconhecido e é

justamente nesta passagem que narra com mais clareza e seriedade do que em qualquer outro momento no romance, suas aspirações, suas intenções e suas reivindicações acerca da questão racial, diminuindo assim a sensação de irrerealidade e a incerteza deixada pelas inúmeras ironias. Ora, os sonhos são, para a psicanálise, as principais manifestações dos desejos inconscientes, os pensamentos são transformados, pelo sonho, em alucinação e a satisfação plena do desejo só pode ser alucinatória. O absoluto do desejo será necessariamente negado ao sujeito, mas é justamente em função desta busca que existimos. “De dia eu escrevo, de noite eu sonho” (LAFERRIÈRE, 1985: 40) diz o narrador que busca incessantemente a realização plena de seus desejos, seja pela alucinação do sonho, seja pela criação artística. Na vida real, os fantasmas, por serem motivo de vergonha, são submetidos à censura e só emergem ao consciente através das entrelinhas – dos sonhos, dos lapsos, dos chistes, ou seja, de um discurso disforme e lacunar –, sem direito a uma expressão, clara e direta. O personagem “Vieux”, ao contrário, dispara, em diversos momentos, seus fantasmas em letras garrafais, clara e objetivamente: “É SIMPLES EU QUERO A AMÉRICA” (LAFERRIÈRE, 1985: 29); “eu gostaria de ser branco” (LAFERRIÈRE, 1985: 39); “eu morro de inveja, de ciúmes, eu quero ser rico e célebre” (LAFERRIÈRE, 1985: 89); “ele faz o tipo filhinho de papai, inteligente, sofisticado, doce, tem tudo que deseja, merda! Tudo o que eu gostaria de ser”(LAFERRIÈRE, 1985: 25). O narrador assume seus fantasmas: quer ser branco, possuir a branca, ser servido, ter sucesso, dominar, se vingar. O que é habitualmente mascarado, motivo de humilhação e vergonha, ou de reivindicações sérias e exaltadas, aparece aqui em uma rede irônica e debochada que confunde o leitor. O autor reverte, ironicamente, os clichês que foram usados durante séculos para discriminar os negros, a seu favor. “Explorar os clichês sobre os negros? É uma mina a céu aberto. Todo mundo tem o direito de usufruir dela” (LAFERRIÈRE, 1993: 89), diz.

Para Lacan, o fantasma é também um recurso para a emergência de pulsões sádicas, de dominação. A emergência destas pulsões através da criação fantasística proporciona um grande prazer, posto que o objeto que se pretende dominar fica completamente à disposição do sujeito – o que permite, por sua vez, reverter simbolicamente certas situações traumáticas. A capacidade de sonhar, de fantasiar e de fantasmear podem significar uma saída positiva na medida em que produzem uma transformação imaginária, uma reorganização, uma retomada simbólica da realidade. Esta parece ser uma das saídas escolhidas por Laferrière. No entanto, embora saibamos que a fantasia tem estreita relação com o desejo do sujeito, no que se refere ao autor, fica difícil dizer em quais aspectos os fantasmas expostos no romance correspondem a seus desejos pessoais e até que ponto suas ironias e provocações encobrem desejos concretos de mudanças sociais. Desta forma, acreditamos que Laferrière oferece ao leitor um constante exercício crítico, levando-o a deixar emergir e pensar seus próprios fantasmas.

Apesar do narrador dizer que seu romance fala unicamente de Brancas e Negros, o que propõe é bem mais elaborado. Laferrière trata a questão racial e identitária, sem colocar o negro em posição de vítima, ao invés de descrevê-los como mártires, rótulo certamente limitador, representa-os como sujeitos do desejo, enfim, como indivíduos multifacetados e contraditórios que fantasiam, desejam e erram como qualquer humano. É o segredo, a pluralidade e a ambigüidade do homem negro que interessam ao autor e não a propaganda nacionalista que afirma que a vítima ignora o mal. Acreditamos que a obra de Laferrière inova na medida em que desconstrói estes ideais maniqueístas, às avessas, que foram veiculados por certos intelectuais pós-coloniais, onde o negro é visto como o Bem, digno de piedade e o branco, o Mal, digno de rancor. Laferrière, ao colocar em cena, os opostos, os complementares, as contradições, em suma a pluralidade, nos mostra que a diversidade existe não somente entre os supostamente “não-iguais” (no caso brancos e negros), mas também entre os supostamente “iguais” (pois Bouba e

Vieux têm características divergentes e complementares) e, notadamente, dentro de um único indivíduo (pois o inconsciente é por si só o discurso de um Outro). O autor cria neste sentido algo autêntico, que traduz ambigüidades, não de uma ou de outra categoria, mas tipicamente humanas.

BIBLIOGRAFIA

- APPIAH, Kwame Anthony. *A Casa de Meu Pai: A África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- LACAN, Jacques. *O Mito Individual do Neurótico*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1987.
- LAFERRIÈRE, Dany. *Comment faire l'amour avec un Nègre sans se fatiguer*. Montréal : VLB Editeur, 1985.
- _____. *J'écris comme je vis*. Outremont: Lancôt, 2000.
- LAPLANCHE, Jean. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FANON, Franz. *Peau noire, masques blancs*. Paris : Seuil, 1952.
- KAUFMAN, Pierre. *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996 .